



Alfabetização Humanizadora

Veze e voz às crianças!

BOLETIM ESPECIAL
EDIÇÃO DE ANIVERSÁRIO
DEZ
2021



EDITORIAL ANIVERSÁRIO DO NAHUM

Por *Dagoberto Buim Arena*

O Boletim do NAHum faz um ano. Não tem festa, nem bolo, mas tem ele, uma boa chama para iluminar as escolas por onde circula. Nasceu inquieto, provocado pela disseminação, pelas páginas oficiais federais, algumas estaduais e outras municipais, dos princípios que dão fundamento a métodos como o fônico, o de boquinhos, o de silabação e assemelhados. As páginas ultraconservadoras, nada humanizadoras, cresceram muito neste primeiro ano de vida do Boletim, notadamente no Estado de São Paulo, de onde escrevemos. Ao chegarem às salas de gestores, essas páginas cheirando a naftalina chegam com pompa oficial, com muito poder e com o selo de cientificidade, porque se julgam fundamentadas em “princípios científicos”. O nosso Boletim não porta chapa branca, nem defende boquinhos, nem consciência fonológica, nem conta com financiamentos, mas o que é veiculado por suas páginas tem também fundamentos científicos, mas não os das ciências biológicas, mas os das humanas, ciência que agasalha a educação, especificamente a alfabetização.

Nasceu tímido e receoso por algumas razões. De uma troca, em um corredor, de expressões salpicadas com indignação, Stela e eu decidimos criar algo em suporte digital que pudesse, mesmo em espaços limitados, oferecer, aos professores alfabetizadores do país, metodologias de

alfabetização que respeitassem a mente curiosa, inteligente, cultural, social e, sobretudo, humana, das crianças que estão entrando nas escolas nesta terceira década do século e das que nascerão nos próximos anos. A nós dois se juntaram, nas horas seguintes ao primeiro diálogo, Elianeth, Adriana, Sônia, Érika e Vanilda. Um ano depois, Suely. Outros professores se dispuseram a colaborar. Um site foi criado para abrigar os boletins, notícias, depoimentos, histórias.

Um ano depois, em novembro de 2021, chegamos ao sétimo número e a este número especial de comemoração. Os boletins se espalharam e o site vai se encorpando. Os valores democráticos e humanos impregnam os textos que alimentam as aulas de professores alfabetizadores em municípios espalhados pelo país. Não impõe, não obriga, não é oficial. Oferece a professores e crianças a possibilidade de um período de alfabetização feliz e humanizador. Enquanto enfrentamos a pressão pela desumanização, continuamos a escrever boletins provocativos para preparar o bom futuro anunciado para logo mais pelas notícias veiculadas pelos arautos populares do agreste, das florestas, dos cerrados, dos pampas, das montanhas, da terra laboriosamente cultivada, das fábricas, das ruelas, das vielas, das salas de aula, de todas as bocas e de todas as mãos que lutam contra a barbárie.

VIDA LONGA AO BOLETIM DO NAHUM!

Por *Stela Miller*

O Boletim do Núcleo de Alfabetização Humanizadora – NAHum – completa um ano de existência, sempre em busca de, em suas edições bimestrais, cumprir com o objetivo de divulgar “reflexões teóricas e demonstrações de práticas que **não** utilizem cartilhas ou manuais voltados à consciência fonológica, ao método fônico ou silábico (*Site do NAHum*, grifo no original).

O Boletim e as demais publicações que podem ser acessadas no site do NAHum são produções que resultam do trabalho dos membros desse Núcleo, bem como de colaboradores externos, “interessados, por um lado, em fazer avançar os estudos sobre alfabetização que propiciem, notadamente às crianças pobres do Brasil, condições para a apropriação de atos de ler e de escrever que promovam o seu desenvolvimento intelectual. De outro, [...] abrir trincheiras de resistência contra as políticas públicas que visam a desumanizá-las” (*Site do NAHum*).

Para nós, falar em alfabetização humanizadora, assim mesmo, adjetivada, pondo em relevo uma característica sua, muito cara a nós – a de ser humanizadora, é defendê-la como parte de um processo humanizador de educação para todos, um processo que promove a transformação qualitativa da conduta dos alunos, tanto na escola como na vida, que põe para o processo de ensino-aprendizagem a tarefa de, em meio a relações dialógicas entre professor e alunos, fornecer a eles as ferramentas imprescindíveis para que possam apropriar-se de conhecimentos, adquirir habilidades e, mais importante que tudo isso, desenvolver capacidades, como as de fazer análise dos dados da realidade, elaborar abstrações e generalizações, sempre visando a obter uma compreensão, em graus crescentes de complexidade, de seu objeto de estudo e dos fenômenos que os circundam em sua vida, para nela atuar de forma criativa e transformadora.

“[...] FALAR EM ALFABETIZAÇÃO HUMANIZADORA É DEFENDÊ-LA COMO PARTE DE UM PROCESSO HUMANIZADOR DE EDUCAÇÃO PARA TODOS, UM PROCESSO QUE PROMOVE A TRANSFORMAÇÃO QUALITATIVA DA CONDUTA DOS ALUNOS, TANTO NA ESCOLA COMO NA VIDA [...]”

Temos para nós que uma alfabetização humanizadora é aquela que desenvolve na criança sua capacidade de ler e de escrever enunciados, de modo que, quando está diante de um enunciado escrito, é capaz de atribuir a ele um significado, objetivando com isso estabelecer uma compreensão sobre o conteúdo de sua leitura. E, da

mesma forma, quando a criança deseja escrever algo para alguém, consegue elaborar um enunciado considerando o contexto da enunciação, o interlocutor e as propriedades do gênero enunciativo que foi objeto de sua escolha. Uma alfabetização que, em síntese, atua no processo de emancipação da criança como sujeito de sua própria atividade.

A capacidade de ler enunciados desenvolve-se no processo de leitura de enunciados, e a capacidade para produzir enunciados escritos desenvolve-se no processo de produção escrita dos diferentes gêneros enunciativos. Com isso estamos afirmando que a criança, desde o início do processo de alfabetização necessita conviver com enunciados escritos completos, inteiros, originais e não apenas frações deles – trechos, palavras, sílabas ou letras, tanto nos momentos de realização de leituras, como nos momentos da escrita de enunciados.

“[...] UMA ALFABETIZAÇÃO HUMANIZADORA É AQUELA QUE DESENVOLVE NA CRIANÇA SUA CAPACIDADE DE LER E DE ESCREVER ENUNCIADOS [...], QUE, EM SÍNTESE, ATUA NO PROCESSO DE EMANCIPAÇÃO DA CRIANÇA COMO SUJEITO DE SUA PRÓPRIA ATIVIDADE.”

Em outros termos, o desenvolvimento que se objetiva atingir ao final do processo de apropriação da linguagem escrita pela criança precisa ser guiado pela forma ideal ou final desse desenvolvimento: “ideal no sentido de que ela consiste em um modelo daquilo que deve ser obtido ao final do desenvolvimento – ou final – no sentido de que é esta a forma que a criança, ao final de seu desenvolvimento, alcançará” (VIGOTSKI, 2010, p. 693).

Se a forma ideal ou final – o enunciado em seus diferentes gêneros tal como são veiculados no meio social não estiver presente desde o início do processo de alfabetização, como objeto da ação consciente das crianças, norteando o seu processo de apropriação desse conteúdo e o desenvolvimento de suas capacidades de ler produzindo uma compreensão para o lido e de escrever enunciados como forma de estabelecer relações com outros sujeitos, essa forma não se desenvolverá em absoluto, ou se desenvolverá precariamente, deixando de se constituir para elas uma ferramenta a ser utilizada para proporcionar a compreensão da realidade e para a sua inserção ativa e consciente em seu meio.

Essa forma ideal ou final é, portanto, o objeto de estudo das crianças envolvidas na atividade de leitura e de escrita de enunciados E, para que elas queiram

realizar essa atividade, faz-se necessário que ela seja sentida como uma necessidade sua. Quando isso acontece, o objeto de estudo – os enunciados organizados em seus diferentes gêneros – transforma-se no motivo e no objetivo a ser buscado pelas crianças, e elas envolvem-se na realização de ações que são pensadas como meios de concretização da atividade. E se uma ação de ler ou escrever um enunciado está ligada ao motivo que gerou a atividade, então o conteúdo dessa ação pode tornar-se parte de sua consciência e chegar a ser um atributo, ter um significado e um sentido para sua vida: “o único modo de reter algum conteúdo como objeto da própria consciência consiste em atuar em relação a esse conteúdo; caso contrário, deixa de ser levado em conta, sai do “campo da consciência” (LEONTIEV, 1978, p. 194, grifos no original). E mais, “para que seja consciente o conteúdo percebido, é preciso que ocupe na atividade do sujeito o lugar estrutural de um fim imediato da ação e, desse modo, entre na relação correspondente com o motivo de tal atividade” (LEONTIEV, 1978, p. 193).

“A CAPACIDADE DE LER ENUNCIADOS DESENVOLVE-SE NO PROCESSO DE LEITURA DE ENUNCIADOS, E A CAPACIDADE PARA PRODUZIR ENUNCIADOS ESCRITOS DESENVOLVE-SE NO PROCESSO DE PRODUÇÃO ESCRITA DOS DIFERENTES GÊNEROS ENUNCIATIVOS.”

Quando assumimos o compromisso com um processo de ensino-aprendizagem da leitura e da escrita visando a uma alfabetização humanizadora, investimos nessa forma de pensar a atividade das crianças e, assim, tornamos possível a elas tomarem para si todo conteúdo apropriado em termos de conhecimentos adquiridos e capacidades desenvolvidas, como uma forma de pensar o mundo e de nele agir, uma forma consciente de lidar com os escritos sociais, de retirar deles tudo aquilo que possa atender a seus interesses e suas necessidades e que as capacite a lidar com os possíveis enfrentamentos que poderão surgir em sua vida.

“[...] SE UMA AÇÃO DE LER OU ESCREVER UM ENUNCIADO ESTÁ LIGADA AO MOTIVO QUE GEROU A ATIVIDADE, ENTÃO O CONTEÚDO DESSA AÇÃO PODE TORNAR-SE PARTE DE SUA CONSCIÊNCIA E CHEGAR A SER UM ATRIBUTO, TER UM SIGNIFICADO E UM SENTIDO PARA SUA VIDA [...]”.

Realizar atividades de leitura e de escrita de enunciados da forma como expusemos significa transitar entre o particular – um determinado enunciado que lemos ou escrevemos – e o geral – princípio essencial organizador de todos os enunciados do mesmo gênero, e vice-versa, pois com a compreensão de como lemos e escrevemos enunciados de um certo gênero, podemos ler e escrever enunciados particulares desse gênero. É nesse movimento que se dá o desenvolvimento da atividade que põe a criança sob o desafio de mobilizar seu pensamento para chegar à compreensão de um texto lido e para compor um enunciado de determinado gênero configurado como uma unidade de significação, com um conteúdo temático, um estilo de linguagem e uma construção composicional (BAKHTIN, 2003). Nesse movimento, a criança apreende um modo de realização da leitura e da escrita de enunciados, e isso a torna capaz de ser uma leitora e uma produtora de enunciados autônoma, que sabe fazer suas próprias escolhas enunciativas ao se dirigir por escrito ao outro e consegue compreender, com seus próprios recursos, enunciados alheios com os quais interage.

O Boletim do NAHum objetiva levar aos seus leitores essa problemática da alfabetização humanizadora, esperando que a compreensão de sua proposta possibilite a todos pensar e repensar suas práticas de leitura e de escrita na condução do processo de ensino-aprendizagem com seus alunos desde o seu ingresso na escola.

Vida longa ao Boletim do NAHum!

Referências

- BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso. In: BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2003, p. 261-306.
- LEONTIEV, A. N. Apêndice: Problemas psicológicos do carácter consciente do estudo. In: LEONTIEV, A. N. *Actividad, conciencia y personalidad*. Buenos Aires: Ediciones Ciencias del Hombre, 1978, p. 183-234.
- VIGOTSKI, L. S. Quarta aula: a questão do meio na pedologia. Tradução de Márcia Pileggi Vinha e revisão de Max Welcman. *Psicologia. USP* [online]. 2010, vol.21, n.4, pp. 681-701. Confira o “dossiê Vigotski” no link: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_issueoc&pid=0103-656420100004&lng=pt&nrm=iso

ALFABETO MÓVEL: APOGEU E AGONIA

Por *Dagoberto Buim Arena*

Até meados da década de 1980, os únicos gestos a que estavam obrigadas a fazer as crianças em fase de alfabetização eram os que exigiam movimentos de três dedos conjugados – indicador, polegar e médio – para segurar e movimentar um instrumento longo, arredondado, feito em madeira, com um núcleo de grafite: o lápis. Com o grafite, letras arredondadas eram inscritas em um suporte – o papel, com linhas paralelas – agrupadas em um volume – o caderno. As letras, desenhadas de memória, juntavam-se harmoniosamente por traços levemente dispostos sobre as linhas, sem vazá-las. Ao conjunto por elas formado – a palavra – se seguiam outros para a composição dos enunciados ditados pelo professor ou copiados da lousa pela criança. Os princípios orientadores desses gestos e dessas inscrições de ordem prática eram: 1. Aprender a escrever é aprender a fazer movimentos harmoniosos com os dedos para bem manipular o instrumento no toque com o peso adequado no papel, de acordo com sua espessura. 2. Aprender a escrever é aprender a desenhar as letras, harmoniosamente combinadas e bem arredondadas, de modo que fossem legíveis para o professor.

A entrada dos trabalhos teóricos e dos relatos de prática construtivistas no Brasil em meados da década de 1980 abalaram essas práticas extremamente protocolares e reducionistas ao entenderem que as consideradas garatujas – rabiscos sem valor e sentido – eram tentativas de escrita. O velho conceito de garatuja foi então para o lixo. Os gestos e os movimentos padronizados cederam espaços a outros gestos: o lápis não era mais o único instrumento de registro. Agora, as crianças não eram obrigadas, desde o início, a memorizar as formas das letras. Os professores recortavam papéis de diferentes tipos, de cores e de densidades distintas para criar letras – as de imprensa e maiúsculas – com as quais as crianças podiam compor palavras sobre a sua mesinha de trabalho. Ou as compravam em plástico colorido. Mesmo assim, continuavam a ser unidades visuais

manuseados pela criança para registrar o signo em um suporte, mas os gestos já não eram os mesmos. A mão escolhia uma letra em movimento de pinça formado pelo indicador e pelo polegar e a depositava sobre a mesa de madeira. Para alterar as posições das letras na composição da palavra, o indicador pressionava a letra sobre o suporte e a fazia deslizar para outra posição. O instrumento – letra solta e pronta – introduziu gestos nunca antes praticados para escrever na escola.

Sacos e envelopes com letrinhas abasteciam, como jogos de memória, os jogos de composição de palavras. O mito da necessidade da coordenação motora necessária para o bem traçado das letras desmoronou, mesmo a contragosto dos sempre conservadores. Com as letras já prontas, não apareciam os rabiscos, desqualificados como garatujas. As crianças aprendiam que as letras eram figurinhas com os quais os adultos escreviam – com o instrumento caneta, com o lápis ou batendo nas teclas das máquinas de escrever, ou ainda, em tempos outros, tocando levemente as do teclado do computador. O peso do lápis no papel foi redirecionado para os pesos distintos entre teclado da máquina e teclado do computador.

Na origem da escolha das letras na memória, ou nas espalhadas sobre a mesa, havia e há sempre a intenção, a ideia, os sentidos do que se quer escrever. A escolha é a manifestação concreta, exteriorizada, da linguagem interior que vai sendo composta pouco a pouco na relação entre mente e instrumentos, como os dedos para quem pode manipulá-los, ou com os olhos para quem não tem braços, nem mãos, nem seus movimentos.

As chamadas letras soltas, manipuláveis, por isso mesmo móveis, libertaram as crianças da imposição do movimento único e dos treinamentos para sua coordenação. Em 1986, quando diretor de escola em Garça - SP, fiz comprar centenas de letras de plástico e fiz confeccionar embornais de algodão cru para guardá-las depois do seu uso pelas letras de plástico e fiz confeccionar

embornais de algodão cru para guardá-las depois do seu uso pelas crianças em grupos de trabalho. Era um grande e alegre jogo: o jogo de escrever.

Como os saberes e as práticas são sempre provisórios, uma vez que as relações humanas criam novas tecnologias e renovam os conhecimentos teóricos, as letras móveis, pelo próprio movimento e renovação, foram, por sua vez, abaladas, porque portam algumas limitações, agora evidenciadas pela tecnologia digital.

Quais seriam as limitações? 1. Por mais que o embornal e o envelope fossem supridos com muitas letras, as crianças somente poderiam escrever palavras poucas, no máximo o nome de uma história lida na sala. Quantas vogais? Quantos A, quantos E, quantos I? Era impossível calcular as letras de uso mais frequente. 2. Havia sinais de pontuação? Nenhum. Havia letras acentuadas ou sinais de acentuação? Não. Havia algum outro sinal? Havia um papel recortado para ser usado entre as palavras, para representar o espaço? Não. As respostas revelavam um princípio: a escrita é composta por letras e tão somente por elas.

Todos os demais sinais e suas teclas, entre as quais a dedicada ao espaço, não eram considerados unidades constitutivas da palavra escrita. O teclado fixo do computador expõe um conjunto de caracteres necessários para a escrita. O tamanho do texto no Word não é mensurado por quantidade de letras, mas por quantidade de caracteres, com ou sem espaço. Nós nos demos conta de que o conceito de palavra é, essencialmente, elaborado pela manipulação da palavra visual, escrita, delimitada pelos espaços. O espaço auxilia a formulação do conceito do que é palavra, que é levado, então, para o fluxo da oralidade, onde ele não é claramente concebido. Os teclados móveis dos celulares abalaram os teclados fixos do computador e as limitações antes não percebidas das letras móveis.

Há, nestes novos tempos, na alfabetização, três gestos que convivem, porque são três os instrumentos e são três os suportes: o lápis e o papel as letras móveis e a madeira da mesinha de sala de aula; as teclas dos celulares, dos tablets, dos computadores e suas telas.

Qual deles oferece todo o conjunto de caracteres e imagens complementares? Qual deles facilita as escolhas e seus ajustes? Onde a expressão “Eu errei e tenho de apagar” é substituída por “Eu escolhi errado e vou arrumar”? Em qual deles, não há limitação de quantidade para a escolha de vogais e consoantes que, por essa razão, é possível escrever o que se quiser, como quiser fazer composições inesperadas? Por qual deles a criança experimenta a liberdade de fazer escolhas com as pontas dos polegares, que de coadjuvantes na preensão do lápis passam a ser protagonistas nos teclados móveis dos celulares escondidos uns dentro dos outros como bonecas matrioscas russas?

Os teclados dos celulares e o postulado de que o homem escreve com caracteres (as letras fazem apenas parte desse conjunto) puseram em estágio de agonia o reinado triunfante das letras móveis introduzidas pelo construtivismo e o uso do lápis como instrumento inabalável. As aulas remotas lançaram uma pá de cal.

Mas, como os instrumentos tecnológicos antigos e novos continuam no cotidiano da vida, os gestos criados para manipulá-los não morrem: apenas perdem a hegemonia. A pena de ganso, o tinteiro e o mata-borrão já não são usados, mas a caneta e o lápis sim, em situações muito limitadas. As letras móveis só existem na escola, não na vida. As teclas móveis nos teclados móveis, nos dispositivos nômades, habitantes de bolsos e bolsas, dominam a prática diária dos homens, dão novos contornos ao ato de escrever, rediscutem o que é escrita, concedem liberdade para o pensamento e dão propulsão inimaginável às relações humanas.

O lápis e as letras móveis envelheceram, mas não morreram. Cederam espaço e prestígio ao mais jovens: às teclas e suas telas. Como jovens e velhos vivem suas culturas e seus dias, esses instrumentos, velhos e jovens, espelham a transição entre gerações de tecnologias e suas práticas cotidianas.

AVALIAÇÃO DA PRONÚNCIA OU O ENSINO DOS ATOS DE LER?

Por Adriana Pastorello Buim Arena

A atual política de *Avaliação fluente da leitura* proposta pela Secretaria do Estado de São Paulo está baseada na premissa de que a melhor maneira de ensinar as crianças a ler é a feita por meio do método fônico. Segundo o documento, “a avaliação da fluência visa verificar a capacidade do estudante de ler palavras, pseudopalavras e textos voltados à sua etapa escolar de forma fluida e no ritmo adequado” (Secretaria do Estado de São Paulo, 2021, p. 6). O foco da avaliação, a pronúncia de palavras, de pseudopalavras e de textos, se desvia do real conteúdo a ser ensinado e avaliado no campo da leitura: ao ensinar-se atos de ler, produz-se a leitura, o ato de ler passa a ser constituinte da consciência humana, portanto, ler e compreender são atos indissociáveis desde os primeiros ensaios. A proposta de avaliação da fluência leitora não é compatível com os motivos pelos quais foram criados os atos sociais e culturais e de ler.

Ao assumir essa visão monista (ler/compreender), deixamos de lado alguns clichês repetidos com boa intenção, mas esvaziados, exatamente por serem clichês: *ler é viajar sem sair do lugar; é dar asas à imaginação; é aprimorar saberes; é deleite*. Se ler se limita a isso, então esse ato pouco serve para o desenvolvimento humano. Ensinar e aprender a ler os incontáveis gêneros dos enunciados requer abordagens mais profundas e complexas.

É tarefa da escola ensinar atos que constituem a formação da consciência para o fértil desenvolvimento humano. O ato de ler é um deles. Abordar o ato de ler de forma generalizada, superficial como apregoam as políticas oficiais atuais é um equívoco pedagógico. Por trás desses clichês estéreis está a crença de que a criança aprende a ler pronunciando, sem necessidade de compreender. A indissociabilidade entre ler e compreender é rompida! As crianças aprendem a pronunciar! Elas pensam que aprenderam a ler! Seus pais e seus professores também assim julgam, enganados pelo equívoco pedagógico proposto pelas políticas públicas. Como seres humanos, crianças e adultos agem, em sua vida, em função de necessidades

– materiais ou espirituais. Por que seria diferente com a leitura? Com as coisas da escola?

Lemos porque estamos em busca de nos transformarmos e transformarmos o mundo, para que possamos viver melhor na igualdade, na liberdade, na paz. Lemos esse boletim porque queremos mudar, transformar nossa prática! Se é essa a nossa proposta, então, basta de clichês superficiais! Ao ler, não vamos viajar sem sair do lugar, porque conhecer uma cultura diversa da nossa por meio do ato de ler não é o mesmo que estar no local, convivendo com um grupo de pessoas de culturas diferentes; ao ler, não daremos asas à imaginação com um pequeno livro ou romance, porque para criar é preciso colocar em movimento muitos conhecimentos apropriados ao longo de um percurso de leitor; ao ler, não aprimoraremos saberes se não tivermos a chave conceitual para mergulhar profundamente no tema do texto lido; ao ler, não nos deleitaremos porque descobrimos também crueldades; as poesias do parnasianismo, no momento atual sombrio em que vivemos, dão espaço às poesias brechtianas que desmascaram a crueldade humana.

Se aprendermos a pronunciar textos sem considerar que o ato de ler constitui nossa consciência, seremos pessoas manipuláveis! Relações diversas ocorrem no ato de ler. Não basta identificar os personagens e o tema do texto. É preciso reconhecer o projeto de escrita idealizado pelo autor, suas motivações, seus interesses, suas críticas. Podemos nos regozijar com os poemas de Brecht, mas não por mera apreciação da organização da sintaxe de seus versos, mas porque suas palavras foram e são ferramentas que acionaram emoções de empatia com a então população europeia dominada pelo nazismo.

A barbárie sofrida por esse povo dominado pode causar no leitor a necessidade de sempre lutar contra a tirania. O ato de ler é uma ferramenta de pensamento que transforma o homem e a sociedade, e é assim que deve ser pensado, planejado e ensinado.

As crianças podem transformar o mundo se, e somente se, os atos de ler para elas forem integrados à realidade da vida, se fizerem do ato de ler uma ferramenta do pensamento! Se nós, professores, não as livrarmos dos clichês e das metodologias estéreis, nós fracassaremos!

De um lado, está a hierarquia do Mistério da Educação (MEC) nos impondo programas de ensino da leitura que estão absurdamente na contramão da formação de verdadeiros leitores, e a Secretaria do Estado de São Paulo, em conformidade com o MEC, impondo uma avaliação de fluência na pronúncia de palavras e pseudopalavras; de outra parte, estão as crianças pulsando vida diante de nossos olhos, nos mostrando seus conhecimentos, seus desejos por meio dos objetos que manipulam, dos filmes a que assistem, das notícias que trazem, e, neste conteúdo, não existem palavras soltas, mas enunciados que a elas interessam. Quanto às pseudopalavras, elas as ignoram, como qualquer leitor faz. Neste absurdo paradoxo, a escola deveria ser o local de formação humana, de apropriação do patrimônio cultural e científico criado e organizado pelos homens ao longo da história. Essa formação não se compra no balcão. Ela é criada pelos homens com o dinamismo, com a coletividade, com a cooperação e com o espírito de criação de novos conhecimentos voltados para a necessidade da população e não da classe social que controla a economia do país.

De que lado está a metodologia que as políticas públicas adotam? Da política neoliberal do ensino da migalha, ou da criança em formação? Do lado da formação do homem manipulável, que aprende a vocalizar sons e a produzir relatórios descritivos, que coincidem exatamente com a demanda do mercado, ou do lado da formação do homem intelectualizado e sensível, que seja capaz de gerar recursos, ferramentas, objetos culturais para todos e não para ser apropriado por uma classe?

Ao que parece, estão do lado da formação de homens manipuláveis, de servos, porque seus ideólogos julgam ser necessário desenvolver nas crianças a capacidade de pronunciar com velocidade, precisão e expressão adequada. Para eles, existe uma consequência mecânica entre a

decodificação e a compreensão, porque o guia de orientação que ensina como os professores paulistas devem aplicar os testes afirma que a “*pouca fluência resulta em uma leitura com baixa compreensão ou mesmo sem qualquer compreensão do que se lê*” (s.n). Mentira! O ato de ler não está subordinado à oralização.

Ler e compreender com os olhos compõem um todo indissolúvel! Para ler/compreender com o emprego dos olhos não é preciso oralizar. Ao contrário, oralizar atrapalha a compreensão. Conheço muita gente, e você também, que lê línguas estrangeiras sem saber a pronúncia padronizada ou mesmo a dialetal.

Somente conseguem pensar com os enunciados escritos aqueles que internalizaram o pressuposto de que a leitura é a própria compreensão, que o ato de ler não é relação entre grafema e fonema, mas o mundo híbrido da escrita contemporânea que agrega letras, espaços, sinais de pontuação, acentos, grafes diversos, o conhecimento de mundo, o conhecimento enciclopédico, as inferências, as conexões, as reuniões com outros leitores - homens e crianças – para o confronto das ideias. O NAHum está ao lado da formação do humano intelectualizado e sensível que seja capaz de criar recursos, ferramentas, objetos culturais para todos e não apenas para uma classe social.

Professor, professora, a escola boa é a que promove o homem! É a que promove a justiça social.

Referência

SECRETARIA DO ESTADO DE SÃO PAULO. Avaliação de fluência leitora. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/11kbtYOOzRzlyzRcRdK9naH845a6eLonD1/view>

SECRETARIA DO ESTADO DE SÃO PAULO. Guia de Avaliação de fluência leitora. Disponível em: https://www.educacao.sp.gov.br/wp-content/uploads/2021/10/Guia-de-Avalia%C3%A7%C3%A3o-de-Flu%C3%Aancia-leitora-2021_Redes-Municipais_2.0.pdf

INFORMAÇÕES SOBRE O BOLETIM

O primeiro boletim do NAHum foi publicado em 17 de novembro de 2020. Nessa época, a divulgação foi realizada por meio do canal no *facebook* e nos grupos de *WhatsApp*. Os comentários dos leitores sobre os textos publicados nos deram forças para continuarmos com as publicações. Em janeiro de 2021, iniciamos a organização do site que foi ao ar em março de 2021. Esse novo canal nos permitiu dialogar mais com os leitores e acompanhar a quantidade de acessos aos boletins e aos demais textos produzidos e publicados pelo grupo.

Atualmente, temos 2 mil pessoas cadastradas que acompanham as publicações divulgadas no site. Conforme consta no relatório *analytics* do NAHum, de março a outubro de 2021, mais de 4 mil pessoas acessaram algum conteúdo publicado. A maioria dos acessos está concentrada no Brasil, porém há registro de acessos de residentes dos Estados Unidos, Irlanda, China, Suécia, Itália, França, entre outros países. Dentre todos os conteúdos acessados, o Boletim é o que mais se destaca na preferência dos visitantes do site: nesse período acima assinalado, foram mais de 1,3 mil acessos. Isso evidencia o grau de relevância dos textos que nele são divulgados.

Há outras seções do site que são bastante acessadas, como é o caso da aba “Publicações”, que aparece com mil acessos. Essa aba mostra as contribuições tanto dos membros do NAHum, como de leitores e colaboradores. Com um conteúdo diversificado – questões teóricas, experiências pedagógicas, informações, literatura de ficção, etc. - expresso em diferentes formatos – histórias, vídeos, artigos acadêmicos, podcasts, relatos de experiência, notícias, etc.-, a aba “Publicações” dissemina a proposta de Alfabetização Humanizadora, defendida por nós como essencial ao processo de aprendizagem e desenvolvimento das crianças.

VOZ DOS LEITORES

Com o objetivo de dar vozes aos nossos leitores destacamos alguns comentários sobre os **boletins** publicados e de **outras publicações** divulgadas no site.

O boletim

“As publicações de vocês são de excelente qualidade. Dignas de fazerem parte da formação dos professores deste país. Gratidão.” **Anna Maria Lunardi Padilha.**

“É um privilégio poder acompanhar as publicações de vocês. Os textos são de excelente qualidade, pois além de nos oferecer noções e conceitos importantíssimos sobre a formação humana trazem uma perspectiva crítica e revolucionária para a educação de nossas crianças a partir do encontro com a linguagem escrita. Que alegria poder compartilhar um material tão rico!! Parabéns!!” **Cláudia Aparecida Valderramas Gomes.**

“As publicações dos Boletins já fazem parte da rotina de estudos do corpo docente de nossa escola – EMEF Nivando Mariano dos Santos” – Marília – SP”! **Érika Christina Kohle.**

“Utilizo os Boletins do Nahum no Projeto de Pesquisa que foi iniciado sob minha coordenação há poucos meses na universidade em que trabalho e também na disciplina em que ministro nessa mesma universidade (Didática da Língua Portuguesa para os Anos Iniciais do Ensino Fundamental). Aproveito para parabenizar pela elaboração dos boletins e agradecer pela grande contribuição que promovem.” **Greice Ferreira da Silva.**

“Me encanto a cada leitura e ao final dela anseio pelo próximo boletim. É tão acalentador ler textos aproximados “do chão” da escola, que reconhece os desafios, mas também as possibilidades de uma educação humanizadora. Já sou fã da professora Elianeth, agora agrego o professor Dagoberto e a professora Stela a esse time de INSPIRADORES”. **Renata Cristo.**

“Maravilhoso conhecer esse núcleo e ler esse boletim cheio de sentidos. Estarei compartilhando no meu grupo de pesquisas e outros de estudos. Todos precisam conhecer essa riqueza.” **Islen Barbosa Ramos Machado.**

“O Boletim bimestral do NAHum passou a fazer parte dos materiais teóricos estudados nos Horários de Estudos Coletivos (HECs) com professores(as).

Estudamos o relato de experiência divulgado no Boletim nº4 Maio/Junho de 2021, intitulado “A descoberta do texto escrito” (BAJARD, 2012), de autoria da Prof.^a Joice Ribeiro Machado da Silva. A partir da dinâmica de Descoberta de texto, proposta por Bajard (2012), promovida pela equipe gestora em reunião de formação docente, a prática de descoberta de texto vem sendo tateada pelos(as) professores(as) como proposta de formação e desenvolvimento da compreensão leitora pelas crianças do 1º aos 3º anos do Ensino Fundamental da EMEF. Nivando Mariano dos Santos, na cidade de Marília, interior do Estado de São Paulo. Conforme depoimentos dos(as) professores(as), a prática da descoberta de texto tem proporcionado a formação da capacidade leitora da criança, pois promove a reflexão, identificação de palavras e suas relações linguísticas, a compreensão do sentido e do significado cultural, necessários a compreensão do enunciado escrito pela criança. Prof.^a Coord. **Vanilda G. de Lima**. EMEF. Nivando Mariano dos Santos.

Outras publicações

A viagem... fim e recomeço! Por Elianeth Dias Kanthack Hernandes

“Impossível não se emocionar com a história da família da professora Elianeth e com os atos de leitura e de escrita vivenciados por avó e neta. Confesso que uma lágrima teimosa rolou. Parabéns e obrigada por compartilhar conosco.” **Dioneia Foschiani Helbel**.

A fada do lago, por Adriana Pastorello Buim Arena

“Muito obrigada pela partilha desse conto, vou usar em uma contação de histórias para um grupo de mulheres! Lembrei de um poema que gostaria de partilhar com vocês. “Solar” (Adélia Prado). Minha mãe cozinhava exatamente arroz, feijão-roxinho, molho de batatinhas. Mas cantava.” **Ana Luiza Melo dos Santos**.

Aula pública Alfabetização Humanizadora, por Dagoberto Buim Arena

“Prof. Dagoberto, assisti o vídeo da aula pública ministrada por você e fiquei muito mexida com as relações estabelecidas entre as metodologias que utilizamos para alfabetizar e as relações que elas possuem com a lógica do capital, seja de aproximação ou afastamento. É uma discussão que precisa invadir os espaços de formação para que não nos deixemos seduzir por “iscas” tão apetitosas, mas igualmente avassaladoras dos processos de emancipação dos sujeitos. Gratidão!!! Sigamos fazendo do nosso trabalho o nosso ato de militância.”- **Edith Maria Batista Ferreira**.

O Bumba meu boi, por Edith Maria Batista Ferreira

“Que material fantástico. Rico em detalhes, uma escrita poética que nos faz bailar e querer entrar nessa brincadeira contagiante que é o bumba meu boi. Uma mistura de fé, devoção e arte. Belíssimas ilustrações. A festa é realmente bela, impossível conhecer e não se apaixonar.” **Maria Wilsonira Batista Ferreira**.

COMPARTILHANDO

Palestra: **Aproximações e distanciamentos de J. Piaget e L. S. Vigotski a respeito da aprendizagem e desenvolvimento**, ministrada pela professora Dra. Wanda C. Rodríguez Arocho (Universidad de Puerto Rico). <https://www.youtube.com/watch?v=krSQ8LgYF5g>

Palestra: **A função da linguagem escrita na formação humana**, ministrada pelo professor Dagoberto Buim Arena.

<https://www.youtube.com/watch?v=IKyHEPx9YgE>

Palestra: **Significado e sentido: aproximações entre Bakhtin e Vigotski**, ministrada pela professora Stela Miller.

<https://www.youtube.com/watch?v=AHmBNTBUcHs>

Palestra: **Infância e humanização**, ministrada pela professora Suely Amaral Mello.

<https://www.youtube.com/watch?v=SfKyU1Wmolw>

Expediente e atendimento ao leitor pelo site: <https://nahum-lescrever.com.br/>

Todos os textos publicados são de inteira responsabilidade de seus autores, não cabendo qualquer responsabilidade legal sobre seu conteúdo ou imagem aos responsáveis por este boletim. É permitida a reprodução de textos, desde que seja citada a fonte.